

Isabel Capelo Gil
Reitora

Discurso do Dia da Universidade 2023

‘O Conhecimento ao Serviço da Fraternidade Social’

Sua Eminência Reverendíssima, Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente;
Excelência Reverendíssima, D. Ivo Scapolo, Núncio Apostólico
Sr. Presidente da Câmara de Lisboa,
Srs Deputados,
Srs Embaixadores,
Sr. Presidente Prof. Cavaco Silva,
Srs Reitores e Vice-Reitores de Universidades Portuguesas,
Sr. Comandante do IUM,
Antigos Reitores da UCP,
Srs. Vice-Reitores, srs. Pro-Reitores, senhora Administradora,
Senhores Membros do Conselho Superior,
Sra Presidente da Sociedade Científica da UCP,
Senhores Diretores de Faculdades, Institutos e centros de investigação,
Senhores Professores, estudantes e colaboradores da UCP,
Novos Doutores Honoris Causa,
Novos Doutores pela UCP
Benfeitores e *alumni*,
Demais autoridades religiosas, civis e militares,
Distintos convidados,

O Dia da Universidade Católica é uma data em que celebramos a força transformacional de uma instituição que ensina a aspirar num país, onde raras vezes se arrisca. Com determinação, apoiamo-nos no legado do passado para abrir as portas do futuro, que é sempre incerto, mas que apesar das adversidades olhámos sempre com esperança.

E todavia, sabemos-lo bem, vivemos num tempo impensável, mas não improvável nem desconhecido. O regresso da guerra à Europa foi imprevisível, mas infelizmente nunca deixou de ser provável. Nas sociedades europeias fundadas no primado do Estado de Direito, onde os cidadãos são livres, porque têm direito a ter direitos, como escreveu Hannah Arendt, nas sociedades afluentes, habituadas ao conforto, os últimos anos têm sido marcados por cascatas de incerteza: crise da dívida soberana, insegurança, o crescer dos radicalismos e a deriva populista, a crise de refugiados em busca de uma vida melhor, a crise climática e agora a crise energética, a crise do Estado Social e os novos ventos de guerra.

Neste tempo impensável, mas não improvável, vivemos apesar de tudo num país que merece que tenhamos esperança num futuro que pode ser sempre melhor. Estamos integrados num bloco económico que constitui uma das maiores economias do mundo, temos uma ligação estratégica a um território afetivo com cerca de 280 milhões de falantes de português, uma vocação atlântica e um sentido europeísta. Perfilamos os valores da solidariedade, do respeito pela dignidade humana, pela equidade entre os cidadãos dos vários países da União, valores afinal perfilhados pela Doutrina Social da Igreja que inspirou o pensamento dos católicos pais fundadores da União Robert Schumann, Alcide de Gasperi e Konrad Adenauer.

Uma universidade católica move-se no terreno do risco e da esperança, onde o conhecimento se constrói numa ótica de serviço e não de domínio ou poder. Por isso, escolhemos como lema do Dia da Universidade ‘O Conhecimento ao Serviço da Fraternidade Social’. Inspirando-nos na qualidade evangélica da fraternidade, definida na Encíclica *Fratelli Tutti* como gesto fundador de reconhecimento radical e de valorização “de todas as pessoas independentemente da sua proximidade física e do ponto da terra onde cada um nasceu e habita” (FT, 1) , sentimos a universidade como responsável por perseguir na sua missão de produção de conhecimento, a obtenção de respostas que contribuam para elevar a dignidade de cada um. Para a construção democrática de um mundo de paz que reconheça “ao outro o direito a ser ele próprio e a ser diferente.” (FT, 218); para o desenvolvimento de sistemas de saúde que reforcem a cultura do cuidado; contribuindo para a melhor investigação para o reforço dos sistemas alimentares do planeta, para a proteção da biodiversidade; mas

também reforçando o conhecimento sobre os sistemas de educação e melhorando a sua qualidade. Só assim poderemos desenvolver o talento para construir sociedades mais prósperas e esclarecidas para reagir contra as ameaças da desinformação, do autoritarismo e de uma certa cultura tecnológica que instrumentaliza sem dignificar.

Com quase mil anos de história, a Universidade é um foco de esperança, e local onde o impensável se torna provável. E não me refiro apenas ao contexto em que agimos. Atravessando conflitos e tensões, mudanças sísmicas, mas também alavancando progresso social, moral e intelectual, a universidade esteve e continua a estar na vanguarda das grandes conquistas da humanidade. Na segunda década do século XXI, a universidade constitui uma instituição nodal da sociedade do conhecimento, responsável pela gestão do futuro que o conhecimento que produz antecipa. Somos daqueles que ‘não temem a realidade, mas antes vêm nela uma missão e uma invenção’, como se lê no colossal romance de Robert Musil, *O Homem sem Qualidades*. Todavia, no modelo de mundo laboratório e da realidade como experiência, que este poderoso romance sobre a Modernidade encena, o cientista – Ulrich, o homem sem qualidades – parte da realidade para a reinventar, olha a realidade como possibilidade, e a sua tarefa como missão. Tal como Fausto, Ulrich, concebe a ciência como projeto de controlo e poder. Na cidade laboratório recorda-se a máxima do poeta americano Emerson: “os homens passam pelo mundo como profecias do futuro, e todos os seus atos não são mais do que ensaios ou experiências, que podem ser ultrapassados pelo seguinte.” (Musil I, 69) O conhecimento assim concebido é um instrumento sem mais propósito que a acumulação ambiciosa e a auto-promoção. Muitas vezes, usamos as palavras sem entender as implicações últimas do discurso. Quando hoje discutimos a universidade como instrumento fulcral da ‘guerra de talento’, projetamos uma ideia de conhecimento como produto fabril disseminado pelos vários canais de distribuição da universidade-fábrica, que concorre no posicionamento dos seus produtos em mercado internacionais, com outras fábricas, quiçá grandes multinacionais do conhecimento industrial. Ora é certo que a educação superior e a ciência existem num mercado, são afetadas pelas condições de concorrência desse mercado, mas os seus graduados não são produtos massificados, séries reproduzidas e reprodutíveis. O nosso mercado é

primordialmente um mercado de ideias, que tem de ser, por isso, livre e diverso. Abraçamos a tecnologia, sem nos dissolvermos nela. A universidade é comunidade, não é sala de servidores, se bem que hoje não possa existir sem ela. Formamos pessoas, desenvolvemos potencial, damos espaço ao pensamento criativo, à inovação, ao risco e à disrupção.

No tempo do império do algoritmo e dos dados – que nos ajudam a abarcar realidades complexas e são um auxílio à decisão – entendemos que cada graduado é único. Fazemos ensino de precisão, que na diversidade de percursos, perspectivas, experiências e horizontes, ajuda os jovens de hoje a criar os caminhos de amanhã. Isso significa ter consciência da natureza sempre incerta e incompleta do conhecimento, significa entender o professor como gestor ou curador do conhecimento, consciente da humildade que tal posição encerra, que é a de ter consciência da sua perene ignorância.

Na sua dimensão originária, a universidade assenta no intercâmbio e na partilha, entre um mestre e um estudante. O que se tem vindo a alterar progressivamente desde o início da modernidade é o entendimento da figura do mestre. De um movimento de centralização do processo educativo na figura de autoridade do mestre, materializada na famosa fórmula *magister dixit*, temos vindo a colocar o estudante no centro da aprendizagem e simultaneamente a perceber que este é um processo de 360°. A tecnologia, e o acesso extraordinário a informação inabarcável pelo cérebro humano e que está à distância de um *click*, legitimam a consciência do não saber – que só pode resultar da aprendizagem – como essencial à evolução do conhecimento. O mestre já não é tanto aquela (e) que tudo sabe, mas quem sensibiliza para o quanto não sabemos. A douta ignorância de Nicolau de Cusa estrutura o seminário invertido (*flipped classroom*) que as plataformas tecnológicas possibilitam. Talvez seja controverso dizê-lo, mas na base da ideia da aprendizagem ao longo da vida (*life-long-learning*) está a consciência de que aprender é caminhar para a progressiva consciência da ignorância própria. Quanto mais investigamos e aprendemos, mais consciência temos do muito mais que desconhecemos. Este impulso para o aperfeiçoamento constante está na base da gestão das carreiras nas organizações. É o movimento de *upskilling* que informa o desenvolvimento pessoal.

Mas não devemos esquecer que as tecnologias estão a tornar muitas funções obsoletas, as novas funcionalidades da robótica põem em causa funções antes desempenhadas por seres humanos. É agora necessário fazer o *reskilling* em massa desses indivíduos e a universidade tem uma função fundamental a cumprir na reconversão profissional no setor do conhecimento. Finalmente, é importante referir a possibilidade colaborativa das plataformas para o desenvolvimento de redes de conhecimento. A universidade transformou-se definitivamente numa organização tecnoglobal que funciona em modo colaborativo, como ponto de rede numa organização global do conhecimento, por onde circulam estudantes e professores.

Conhecer é, portanto, servir. É um ato de despojamento mais do que apropriação, domínio ou poder. Conhecer implica sair de si e ousar abraçar o diferente, o desconhecido. É por isso um gesto arriscado, porque implica a consciência de uma falha, de uma insuficiência, de uma menoridade, como escreveu Immanuel Kant, que se ultrapassa no processo educativo e na busca que leva ao esclarecimento, realizando-se no confronto com o desconhecido. E é justamente a orientação do conhecimento como serviço à sociedade, que torna o processo simultaneamente um ato arriscado e muitas vezes também em risco, porque na sua origem pugna por uma autonomia radical independente das intervenções e interesses públicos e da sua lógica de poder, e dos interesses privados e da sua lógica de valor.

Na Universidade Católica orientamo-nos por missão para o desenvolvimento da ciência na vanguarda do conhecimento, para a inovação científica, artística e tecnológica, orientada, como indica o Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti* para a equidade e a inclusão social (FT, 31), no reforço de uma comunidade de pertença global baseada na cultura do cuidado, sem descurar a atenção às comunidades de proximidade, a nível nacional e regional.

Ao longo de 55 anos, a Universidade Católica Portuguesa tem vindo a contribuir de forma concreta e inovadora para o sistema científico nacional, agregando ciência baseada em evidência, com o conhecimento iluminado pelos princípios humanísticos, orientado para a capacitação da sociedade e a construção do bem comum. Em 2022, continuámos no caminho do crescimento, perfazendo 12780 estudantes em cursos conferentes de grau a que se somam 7 549 em cursos de

executivos e não conferentes de grau. Em 2023, ultrapassámos por isso 20000 alunos (20329).

Este crescimento também traz responsabilidades acrescidas, sobretudo em matéria de inovação. O Plano de Desenvolvimento Estratégico delineou uma ambiciosa meta de transformação pedagógica. Esta estratégia inicia-se com a **renovação de metodologias** - que está a ser liderada pelo CLIL Católica Learning Innovation Centre da FEPsicologia. Seguir-se-á a reforma curricular que tem como objetivo ultrapassar as monoculturas disciplinares, orientando-se para a transversalidade e a articulação de saberes numa lógica de combate ao que o Cardeal Tolentino de Mendonça chama o Arquipélago do silêncio que muitas vezes marca a relação entre faculdades, grupos de investigação e mesmo geografias e territórios, sobretudo para uma universidade nacional como a nossa. Nesta linha de renovação e inovação lançámos em 2021 a primeira Licenciatura em Filosofia, Política e Economia (PPE), e iremos lançar em 2023 uma nova Licenciatura em Liberal Sciences. Saliento ainda a aposta no campo da Ciência de Dados, com a nova Licenciatura iniciada no Centro Regional de Braga e a fileira de Business Analytics da Católica Lisbon School of Business and Economics. Estas propostas integram-se no objetivo maior da universidade em integrar inovação de base tecnológica no seu modelo de ensino, ao mesmo tempo que, através do seu Laboratório de Estudos Avançados, Laboratório de Ética Digital, entre outros grupos, centros e unidades académicas, colabora com a comunidade nacional e internacional e investiga o impacto do digital e da inteligência artificial nos modelos de desenvolvimento económico, na organização societal, em modelos de regulação, nas políticas e nos direitos das pessoas.

Em matéria de ciência e investigação considerando já o impacto do PRR e sobretudo das Agendas Mobilizadoras, a UCP tinha contratualizado para execução entre 3 a 5 anos e registado no portal Ciência UCP, um valor de 62M de Euros., distribuído entre investigação fundamental, aplicada e desenvolvimento experimental. É justo salientar o contributo do Laboratório Associado CBQF, não só em publicações de primeiro quartil e de elevado impacto, mas no desenvolvimento de produtos inovadores e de patentes, que já totalizam 59. O esforço e o crescimento da UCP em matéria de investigação é tanto mais exigente, quando sabemos que os mais

importantes financiamentos de ciência são europeus, num cenário onde a concorrência é feroz. Portugal continua a divergir dos nossos congéneres em matéria de investimento científico, totalizando em 2021 um total de 1,68% do PIB face à média dos países europeus que é de 2,6% do PIB. De realçar também que o crescimento do investimento nacional em I&D entre 2020 e 2021, que foi de 0,07%, se fez devido ao aumento do investimento das empresas em investigação. Do aumento bruto de 373 M em 2021, 310M foram esforço de investimento de empresas privadas. Ao contrário da perceção pública, em 2021 o setor empresas é responsável por 60% da despesa em I&D, totalizando 1% do PIB. O setor Estado é responsável por 5% da despesa e o setor ensino superior, responsável por 33% da despesa de investigação, que totaliza 0,56% do PIB. As universidades que gerem 45% do pessoal nacional afeto a atividades de I&D estão a divergir face ao investimento em ciência dos seus congéneres europeus. Independentemente do *spin* político a verdade é óbvia, verifica-se uma crescente perda de competitividade do setor face à realidade europeia. Na Católica apostamos na diferenciação, em propostas de valor distintas que façam a diferença no ensino que ministramos e na ciência que praticamos. Este propósito é a nossa diferença, que a sociedade reconhece.

Mas a senda da transformação, exige também uma contínua reflexão sobre a instituição. Uma universidade com futuro não pode ser imobilista, sobrepondo a autopreservação à missão, o particularismo ao interesse comum. Para podermos ser agentes de transformação devemos ser capazes de auto-crítica, de analisar a realidade e encontrar novos caminhos. Usando uma imagem do Papa Francisco, não nos podemos organizar num modelo de titanismo heróico, como Prometeus individuais, mas também enquanto instituição praticar uma fraternidade convicta. Como escreve o Papa, na Encíclica *Fratelli Tutti*: “um caminho de fraternidade, local e universal, só pode ser percorrido por espíritos livres e dispostos a encontros reais.” (FT50). 55 anos após a nossa fundação, o legado do passado exige a liberdade de renovar num encontro real com um contexto transformado e desafiante em termos económicos, sociais, éticos e organizacionais.

É assim que após dois anos de alargada discussão o Conselho Superior aprovou os novos Estatutos da Universidade, e que planeamos para 2023 a proposta do novo

Estatuto da Carreira Docente e de Investigação da UCP, ao mesmo tempo que preparando uma universidade multicampos para os desafios de uma gestão simultaneamente integrada e próxima da comunidade está em curso o Projeto Athena de Transformação Organizacional. E os desafios não param aqui, continuamos a desenvolver o grande projeto Campus Veritati e novas iniciativas de traslação ligadas à sustentabilidade no CRPorto e à saúde e inovação em Lisboa.

Mas de tudo o que fizemos, o maior testemunho do impacto de uma universidade cuja missão se realiza na transformação efetiva da vida das pessoas, veio de uma fonte improvável. Em julho de 2022, um jovem estudante sírio descreveu a sua experiência de fuga e acolhimento no nosso país, resumindo-o numa frase: “Universidade Católica Portuguesa saved me from darkness.” Apesar de uma já longa colaboração com várias plataformas de apoio a refugiados e migrantes, iniciámos em 2021 uma Iniciativa de Apoio a Estudantes e Investigadores Refugiados, que atribui 24 bolsas humanitárias com o apoio do Fundo Papa Francisco, criado no aniversário dos 50 anos da UCP para apoiar especificamente estudantes migrantes, refugiados e em situação de fragilidade social. Assim, Ouwaiss S., o jovem sírio que nos tocou a todos com o seu testemunho junta-se a estudantes afegãs a estudar Medicina, aos jovens iranianos que estudam Medicina Dentária em Viseu, a jovens sírios na ESB, a jovens ucranianos na CLSBE e na Escola das Artes e a muitos outros. Quero agradecer aos doadores e aos *alumni* da UCP que com generosidade têm contribuído para a campanha do Fundo Papa Francisco, dando com sentido para que possamos retirar muitos mais estudantes da escuridão.

O Dia da Universidade Católica dedica-se este ano a reconhecer o conhecimento como serviço e ao serviço dos valores matriciais que orientam a nossa ação, a defesa da dignidade da pessoa, contribuindo para formar as pessoas, cultivar a ciência, transformar o país e o mundo pela excelência do exemplo. Recebem hoje o título de Doutores Honoris Causa pela Universidade Católica Portuguesa duas personalidades que nos honram justamente pela excelência do exemplo e pelo contributo extraordinário ao serviço da academia e da causa da dignidade humana. A Professora Barbie Zelizer, titular da cátedra Raymond Williams na Annenberg School for Communication da Universidade da Pensilvânia e Diretora do Center for Media

at Risk é uma das vozes académicas mais influentes e respeitadas a nível global da área dos Estudos de Jornalismo. Allow me to make a few remarks in English to say what a privilege it is for Católica to honor a thought leader, a superlative academic, a generous scholar who is umbilically linked to the development of Católica's Media and Journalism scholarship at the School of Human Sciences. I met Barbie Zelizer in 2007. At a time when Journalism Studies in Portugal were deeply influenced by the French school, it was necessary to create a robust conceptual profile in this emerging field at Católica. Faculty was young, the future was ripe with possibilities but we aimed high, to a partnership with a trail blazer thought leader and the number 1 School in Journalism in the United States. Since that December meeting in Philadelphia, Prof. Zelizer, a member of the American Academy of Arts and Sciences, a member of the British academy, past President of the International Communication Association and multi award winning scholar, has regularly worked with Católica and supported multilateral initiatives between the two Schools. In democratic societies, we believe in the crucial role of a free and independent media, Prof. Zelizer's work has courageously addressed the contradictions, the tensions and the strategic mission of free media and the importance of robust academic training for journalists to pursue their goals. We thank her for her service to Católica and to democratic journalism.

O dr. José Manuel Durão Barroso dá-nos hoje a honra de receber o título de Doutor Honoris Causa pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Trata-se de uma personalidade que moldou momentos cruciais do desenvolvimento de Portugal, da Europa, do mundo, que foi Ministro de Negócios Estrangeiros, Primeiro-Ministro de Portugal, Presidente da Comissão Europeia durante 10 anos. Com um percurso político de excelência, devemos-lhe o compromisso de paz em Angola, devemos-lhe o incutir de um projeto de missão para Portugal e para a Europa ancorado nos valores matriciais da União, com crescimento económico, coesão social, a defesa de sociedades abertas, inclusivas, respeitadoras do Estado de Direito. José Manuel Durão Barroso esteve presente, em lugares de decisão, nos momentos mais críticos e transformadores da Europa das últimas décadas: de Bicesse ao tratado de Lisboa, da rutura civilizacional que foi o 11 de setembro até à

recente pandemia, agora na capacidade de Chairman da Gavi - Vaccine Alliance. Jurista, político, académico, humanista, foi distinguido com 33 Doutoramentos Honoris Causa. A Universidade Católica orgulha-se de o ter como Diretor do Centro de Estudos Europeus e Professor catedrático convidado. Agradeço a generosidade com que acede às múltiplas solicitações que insistentemente lhe fazemos, mais recentemente o seu contributo como membro do Conselho Estratégico da Universidade, o Rector's Advisory Council. A UCP reconhece com o grau que hoje lhe outorgamos a excelência ímpar do seu exemplo, o seu contributo para a capacitação da Universidade, o seu serviço a Portugal e a sua liderança para a afirmação europeia e do seu modelo de uma comunidade de valores.

Dirijo-me agora aos novos Doutores pela UCP, dando-lhes os parabéns institucionais e as boas vindas à nova comunidade académica. Que com o vosso talento contribuam para um desenvolvimento sustentável e solidário, que não prescinde da ambição e da inquietude que faz parte da busca que toda a carreira académica é, e faço votos para que com a vossa ação contribuam para um futuro sempre melhor.

A toda a comunidade académica, aos docentes, aos investigadores, aos estudantes, e aos colaboradores da UCP nos quatro campi agradeço o labor que faz da UCP uma grande universidade, aberta ao mundo e à esperança de contribuir para uma sociedade melhor. Onde nada é dado, diariamente justificamos a excelência do nosso exemplo.

Muito obrigada.